

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# DOCENCIA COMO ENCONTRO: UM PROBLEMA DE COMPOSIÇÃO EM EDUCAÇÃO

Carolina Corrêa Rochefort, Maria Manuela Alves Garcia

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5327>

Submetido em: 2022-12-26

Postado em: 2023-01-19 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

**PALAVRA ABERTA**

**DOCÊNCIA COMO ENCONTRO: UM PROBLEMA DE COMPOSIÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CAROLINA CORREA ROCHEFORT<sup>1</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9518-9384>

[<carolrochefort.ufpel@gmail.com>](mailto:carolrochefort.ufpel@gmail.com)

**MARIA MANUELA ALVES GARCIA<sup>2</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0127-4276>

[<garciamariamaneuela@gmail.com>](mailto:garciamariamaneuela@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

**RESUMO:** A presente escrita busca ensaiar a docência como encontro a partir do arquivo de uma docente universitária. No próprio exercício de ensaiar, a escrita é operada pelas afecções de experiências docentes, pandêmicas e pré-pandêmicas, bem como por atravessamentos provocados por algumas imagens-pistas encontradas nesse arquivo. Intercorrido pela força intensiva do encontro com essas imagens-testemunho, o ensaio tende a discorrer por um movimento de abertura ao que pede passagem em tal arquivo docente. Assim, cada imagem produz vagas que, enquanto passagem e não ponto de chegada, intenta uma vibração, um ritornelo que devém arranjos para inventar uma docência como encontro. Nesse sentido, para ensaiar a docência como encontro, a escrita navega pelos pensamentos de Gilles Deleuze e Félix Guattari e Spinoza. E, para surfar a partir das imagens dos arquivos, articula com ideias de Georges Didi-Huberman e Sandra Corazza que, por tal articulação teórica, busca as sobrevivências e as resistências desses arquivos como produção de pensamento e, quiçá, neste ensaio, a invenção de uma docência epidérmica.

**Palavras-chave:** Docência. Encontro. Composição. Invenção. Arquivo.

**TEACHING AS A MEETING: A PROBLEM OF COMPOSITION IN EDUCATION**

**ABSTRACT:** The goal of our text is to look at teaching as a meeting. For that, we will be looking at the archives of a university professor. As we look at them, our text will be influenced by teaching experiences, both during the pandemic and before it, as well as by image-clues found on said archives. Interspersed by the intensive force of the encounter with these witness-images, our text opens with a movement that asks for passage in that teaching archive. On it, each image produces waves that, as part of the journey and not as point of arrival, intends vibration, a refrain that becomes arrangements to see teaching as a meeting. In this sense, when seeing teaching as a meeting, the writing navigates through the thoughts of Gilles Deleuze, and Félix Guattari, and Spinoza. And, sailing from the images of those archives, our text articulates ideas of Georges Didi-Huberman, and Sandra Corazza that, for such theoretical articulation, seeks the survivals and resistances of these archives as a production of thought and, perhaps, in this text, the invention of epidermal teaching.

**Keywords:** Teaching. Meeting. Composition. Invention. Archive.

## DOCENCIA COMO ENCUENTRO: UN PROBLEMA DE COMPOSICIÓN EN LA EDUCACIÓN

**RESÚMEN:** El presente escrito busca ensayar la docencia como encuentro desde el archivo de un profesor universitario. En el ejercicio mismo de ensayar, la escritura es operada por las afecciones de las experiencias docentes, pandémicas y prepandémicas, así como por los atravesamientos provocados por algunas pistas-imágenes encontradas en este archivo. Atravesado por la fuerza intensiva del encuentro con estas imágenes testimoniales, el ensayo tiende a recorrer un movimiento de apertura a lo que pide paso en tal archivo docente. Así, cada imagen produce vacancias que, como paso y no como punto de llegada, intentan una vibración, un ritornelo que se deviene en arreglos para inventar la docencia como encuentro. En ese sentido, para ensayar la docencia como encuentro, el escrito navega por el pensamiento de Gilles Deleuze y Félix Guattari y Spinoza. Y, para surfear desde las imágenes de los archivos, se articula con ideas de Georges Didi-Huberman y Sandra Corazza quienes, a través de tal articulación teórica, buscan las sobrevivencias y resistencias de estos archivos como producción de pensamiento y, quizás, en este ensayo, la invención de la docencia epidérmica.

**Palabras clave:** Docencia, Encuentro, Composición. Invención. Archivo.

## INTRODUÇÃO



Figura 1: Desenho retirado de sketchbook de um arquivo docente  
Fonte: Acervo da autora

Como acontece o encontro na docência? Ou, como pensar e operar a docência como encontro (SPINOZA, 2010)? Contudo, qual a razão de ensaiar na presente escrita tais questões? Afinal, a aparição dessas duas palavras em proximidade parece óbvia, já que a docência pressupõe um encontro entre pessoas, geralmente entre os professores e os estudantes. O que, então, de interessante ou instigante pode produzir o problema de uma docência como encontro? Talvez hoje, no final do ano de 2022, após dois anos de pandemia da covid-19, o encontro na docência suscite provocações e pensamentos, já que o habitual ou o modo “normal” foi proibido durante esse período. O que forjou incômodos, diferenças e adaptações que, por vezes, irromperam invenções dos encontros na docência ao desacomodar as costumeiras interações entre professoras, professores, alunos e alunas.

Mudança de paisagem. Corpos conhecidos e outros, antes apartados ou excluídos, tais como pais, irmãos, cuidadores e toda a rede de corpos advindos das tecnologias, foram impelidos a arriscar diferentes modos de encontrar. Muitas alternativas, outras adaptações, algumas soluções metodológicas para sanar as dificuldades e os dilemas que se apresentaram aos corpos costumeiros da relação educativa, bem como às estruturas – pedagógicas, curriculares, espaciais etc. – e sistemas – institucionais, comunicativos, tecnológicos, sociais etc. – envolvidos nas complexas relações docente e estudante, estudante e instituição de ensino, instituição de ensino e docente.

Nesse contexto, ela, uma docente universitária, que antes da pandemia indagava a docência como encontro, encontra-se agora moendo e remoendo perguntas de outrora: Como o encontro acontece fora da escola, da universidade, da faculdade, ou seja, da instituição de ensino? Como produzi-los, operá-los em plataformas digitais? O que pode um encontro em plataformas digitais? É possível um encontro nessas plataformas? Que corporeidades são operadas e produzidas? Que duração é essa? Que forças intensivas da docência como encontro afetam esses encontros docentes remotos? Ainda e agora, o que pode uma docência como encontro?

A combinação das forças presentes na atualidade dessas perguntas e a força da aparente obviedade do encontro na docência persistem na problematização e criação de uma docência como encontro. Ela, que desconfiava da ingenuidade das indagações que lhe acometiam durante o exercício de uma vida docente, titubeou: Hein, o quê? Suspensa de hesitação, viu-se no movimento paradoxal da emergência atual dada pela contingência pandêmica e da naturalização do encontro na educação como condição para o acontecimento da docência.

Ainda em estado de oscilação, na temporalidade de uma “duração” (DELEUZE, 2006, p. 33 - 46), suspensa, ela perde corpo ao mesmo tempo em que reencontra outros. É jogada para fora de toda uma paisagem costumeira, mas nem por isso inquietante, e enclausurada em uma temporalidade cronometrada, controlada, que determina a passagem do acontecimento educativo operacionalizado por um espaço algorítmico. Nesse jogo incongruente, entre suspensão e determinação, ela pede corpo. Afogada em palavras e cega pela luminosidade significativa das telas-rosto, ela perde corpo.

Caída de um susto, ela retoma suas anotações e registros, os lastros intensivos de uma docência universitária. E, ao flexionar a respiração depois da queda, escuta os murmúrios dos lastros de outrora em ecos nas vozes de agora. Ela joga e é jogada pelas imagens de um arquivo docente. Essas imagens, impressões intensivas de outrora, lampejam uma espécie de sobrevida. São golfadas de ar que arejam a composição das palavras e impulsionam o fluxo do pensamento. Não existe prevalência entre esses signos, misturam-se como vento e água ao movimentar conjecturas docentes que prosseguem.

## ENCONTRO 1



Figura 2: Desenho retirado de sketchbook de um arquivo docente  
Fonte: Acervo da autora

Nesse movimento de escuta entre os murmúrios e os ecos ressoantes do arquivo docente, a voz de Dalingua<sup>1</sup> a faz levantar a cabeça. Enquanto ela mira um ponto por uma atenção flutuante, ainda em leve suspensão, escuta Dalingua que expunha, em uma das muitas *lives* sobre trabalho docente que realizou nesse período de pandemia, dados qualitativos e quantitativos que apontavam o aumento da carga de trabalho dos docentes, assim como a ampliação da desigualdade social e tecnológica entre estudantes, professores e escolas. Dados que reforçam alguns efeitos das disparidades sociais e que foram intensificadas pela efetiva inserção em diferentes realidades das tecnologias digitais para a docência. Em outra ponta da mesma trama, Dalingua e suas colegas de pesquisa abalizam os grupos e organizações que promoveram e impulsionaram a implementação de novas práticas de ensinar e aprender engendradas por relações e interações que aceleram o emprego da inteligência artificial no trabalho docente; mesmo que o professor ou a professora, assim como o/a estudante, não tenham condição de acesso à maquinaria necessária para esse novo modo de relação e interação.

No curso da interlocução proferida por Dalingua, ela escuta ecoar uma vontade de normalidade, o som da vibração das forças que tendem para o movimento de adaptação e de acomodação dos “novos” comportamentos e condutas que a suspensão das aulas presenciais produziu. Então, ela reverbera o eco indagando Dalingua e suas colegas a partir da sonoridade de tais forças cujo movimento de adequação tende à busca de soluções para os novos encontros digitais: Por que não experimentar outros modos de encontrar? Por que adaptar e acomodar os encontros costumeiros à nova realidade imposta? Afinal, que terreiro produz os encontros em plataformas digitais? Como operar uma docência como encontro nesse espaço? Que “afectos” e “afecções” (SPINOZA, 2010) produzem tais encontros? Como experimentar a corporeidade em um contexto remoto? É possível compor corpos e pensamentos com essa corporeidade?

Talvez a contingência dada pela pandemia pudesse produzir transbordamentos à procura por adaptação do encontro presencial ao remoto, e provocasse desvios, cortes intensivos na experimentação dos encontros na docência. Então, apreender estes encontros como puro movimento por uma espécie de “intuição simpática” (LAPOUJADE, 2017), que, derivada das “afecções” e “afectos” decorrentes da experiência espaço-temporal digitais, abrisse vagas nas posições e modos de encontrar habituais, ou seja, “livra-se daquilo que nos prende aos seres e aos nadas” (LAPOUJADE, 2017, p. 28). Por esse movimento deixar brotar a experimentação de uma docência como encontro, criadora e compositiva, dada por um afeto que não é mais apego, é a própria diferença, uma nuance, produzida por uma outra corporeidade e temporalidade.

Já ao final de sua exposição, Dalingua diz:

– Agora, nós estamos voltando para o presencial!

Então, ela sussurra: Como voltamos? O que se diferencia ao voltar?

## ENCONTRO 2

---

<sup>1</sup> Personagem inventada a partir da conferência da professora Dalila Andrade Oliveira na Aula Inaugural da Faculdade de Educação-UFPel- “Trabalho Docente na Pandemia COVID-19”, proferida no dia 26 de abril de 2021. Nessa aula a professora apresentou dados da pesquisa “Trabalho Docente em Tempos de Pandemia”, desenvolvida pelo grupo de pesquisa GESTRADO/UFGM, que entrevistou 15.564 professores de rede pública de todo Brasil, entre 8 e 30 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7TZ9nGQngzg> Acesso em 24/02/2022.



Figura 3: Desenho retirado de sketchbook de um arquivo docente  
Fonte: Acervo da autora

Uma fala sem palavra vibra. Um grito que silencia a voz e esbraveja no corpo. Que corpos a educação produz, com que corporeidades opera? Como compõem-se? O que produzem? Que engrenagens movimentam, quais órgãos? Quão impassíveis são suas articulações físicas e mentais? Como desacomodar corpos tão acostumados e adormecidos? Para onde e como voltarão os corpos da educação pós-pandemia covid-19? Passará? Voltarão?

Ao problematizar a docência como encontro, ela indaga: que corpo, ou que corporeidade se forja? Como pensar de outro modo os corpos da docência retirando a condição binária e fraturando o jogo identitário presente na interação professor e aluno, e que as plataformas digitais parecem afirmar? Por esse tom, ela pensa o pensamento de um corpo docente, ou melhor, dos corpos da docência a partir de um deslocamento. E, nesse sentido, abre a conversação, rasga os corpos extensivos da ambiência docente para pensá-los também em suas intensidades, produzindo desvios de corpos determinados e fundamentados por uma consciência dogmática, constituída de ilusões de finalidade, de liberdade e teologias: “devo ser assado”, “sempre fui assim, eu escolho”, “tenho de ser isto ou aquilo”.

Emaranhada pelos vestígios de uma docência, e a partir deles, ela pinça algumas pistas para o delineamento de um corpo epidérmico, intensivo, que opera e se produz na docência como encontro. Em tal enrosco, percebe que tais impressões sussurram uma espécie de corporeidade dada pelo que de intensivo se imprime nos corpos. Então ela suspeita de um corpo por contágio, por vezes pedagogicamente perturbador, já que opera por uma zona de indiscernibilidade, uma espécie de abertura que um corpo devém a um outro. Nesse sentido, uma docência como encontro acontece por corpos imanes, em ato, atravessados pela variação das “afecções” que sofrem e dos “affectos” que transbordam.

Assim, ela sugere e intenta os corpos da docência pelos “affectos”, corpo que o polidor de lentes<sup>2</sup> outrora lhe mostrava e que, agora, escuta rumores nos lastros de seus arquivos<sup>3</sup>. Com as lentes do

<sup>2</sup> O “polidor de lentes” é outro personagem inventado que se refere ao filósofo Baruch Spinoza, ao ofício exercido pelo filósofo desde que abandona os negócios do pai (DELEUZE, 2002).

<sup>3</sup> Ressalta-se que os arquivos também são pensados como alguns dos corpos envolvidos nesta escrita.

polidor, o corpo ultrapassa o conhecimento que temos dele. Não sabemos o que pode um corpo, apenas recolhemos os efeitos, pois que as causas são exteriores a ele, dadas em ato e pela combinação dos corpos. Das causas, acolhemos apenas uma parte, duvidando, assim, da consciência como verdade absoluta, desconfiando, então, da ideia desse efeito como causa final de suas próprias ações (DELEUZE, 2002, p. 26.). Quanta ingenuidade confiar na consciencial! – ela exclama.

Tais afirmações provocam furor, já que abalam uma maquinaria do pensamento modular e modulante. Por tal vereda tortuosa, até incômoda e indesejável por engendrar a indeterminação dos corpos que se produzem por um movimento paradoxal, dado pelo fora que também está dentro, a docência avizinha-se ao experimento. Acontecido numa zona epidérmica o corpo não é, já que está dado pela impossibilidade de fixação, ele acontece por contágio. Por corpos em combinação, um corpo das afecções, a docência opera um encontro que transborda a relação binária professor-aluno e conjuga o movimento entre eles e para além das polaridades, atento para uma espécie de “ambiência” (DELEUZE; PARNET, 1988), num jogo que faz corpo com. Uma docência que agencia com o que lhe convém pela multiplicidade do estado de coisas, das enunciações, dos territórios e, sobretudo, dos movimentos de desterritorialização (DELEUZE; PARNET, 1988). Assim, a docência como encontro é coletiva na multiplicidade imanente para além do indivíduo, construída na singularidade de cada corpo e dos corpos em relação. Produzida por algo que os atravessa e mas que também se diferencia ao atravessar, quer dizer, uma composição singular.

A docência como encontro que ela problematiza, acontece. Como árvore, verdeja. Se instaura por vibração, por composição de ritmos. Um território-dança que comporta movimentos deslizantes entre uma ação e uma ideia, uma espécie de encadeamento de forças-corpo intensivas e extensivas que se movem em ato. “Trata-se de uma borda interior que ecoa as bordas exteriores. Ambas constituem, a diferença de intensidade pela qual tudo passa e comunica, negligência da margem e esquecimento do buraco, ambas se respondem.” (DELEUZE, 2006, p. 355). No entre, numa superfície de experimentação, um corpo docente que opera uma docência como encontro não sabe o peso e a leveza que desencadeia. Aposta no conflito e na combinação das linhas de força que perseveram na afirmação de vida que se pode produzir. Rasgando os corpos envolvidos nos encontros, ela avista paisagens. E ainda que cada corpo seja e derive um outro corpo, em contágio, dado e transformado pelo encontro, pela composição, o corpo agencia forças coletivas. Um corpo político já que acontece na imanência das “afecções” e na passagem dos “afectos”, no encontro com os corpos, no ato mesmo que embaralha os tempos e os gestos. Vestindo as lentes do polidor, ela toma o corpo como modelo e a consciência como espaço ilusório e transitivo para uma docência como encontro.

### **ENCONTRO 3**

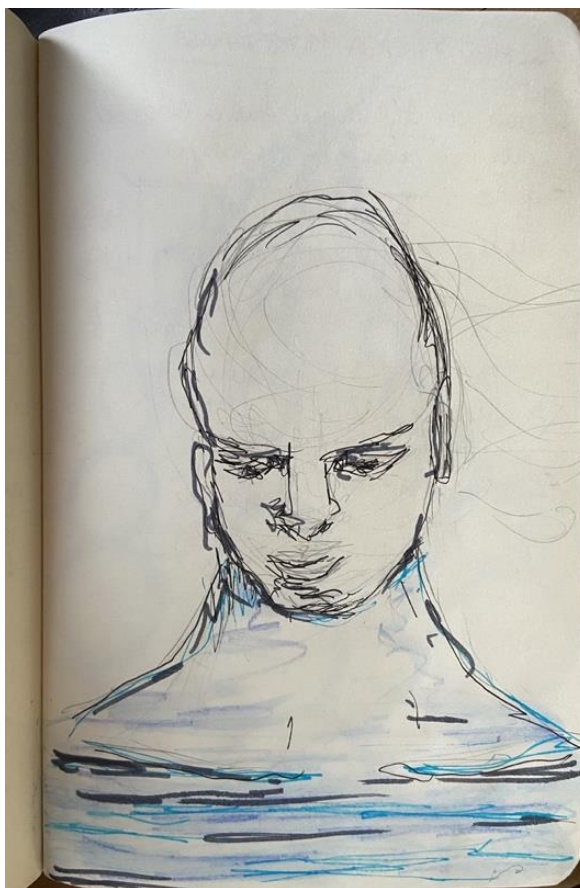


Figura 4: Desenho retirado de sketchbook de um arquivo docente  
Fonte: Acervo da autora

Durante o período de isolamento ela é afetada por outros corpos, outra corporeidade, e sua potência de agir é enfraquecida. Buscando encontrar corpos que convenham e componham, ela principia a imersão nos arquivos, nos lastros de uma docência. E, por vezes, continua murmurando mais das mesmas perguntas, porém, de modo diferente. Como quem coloca os pés para sentir a água antes da imersão de todo o corpo, ela encontra em um de seus cadernos de registro uma anotação que aponta para tal diminuição de potência: é difícil escapar de um buraco de subjetividade e de um enquadramento de rostos. Quantum de “rostidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2012) agenciadas nos encontros remotos: corpos presos a sistemas de significância — nome, palavra, rosto, identidade etc.

Dividida entre a materialidade de um dos cadernos do arquivo e a luminosidade da tela de um ambiente virtual de aprendizagem, ela indaga como corpos isolados, enclausurados e atravessados por telas que transbordam afectos tristes, tais como o medo e a esperança, podem transmutar e produzir movimentos que afirmam a vida? O que pode o encontro remoto, ocorrido através de corpos digitais? O que pode produzir? Quais afectos? Como os corpos da docência, isolados pela pandemia, são afetados por uma exterioridade outrora íntima? Que afectos estão sujeitos esses corpos? O que podem tais sujeitos limitados em espaço e movimento? Que forças do fora e como tais forças afetam o conhecimento que temos do corpo?

Nesse momento, separada ao máximo de sua potência de agir ela está sujeita aos fantasmas da superstição e às mistificações do tirano. No borbulhamento das perguntas, esforça-se por movimentos livres e ativos. Sim, ela persiste e busca corpo, corporeidades. Empenha-se em fomentar moção entre corpo e mente, propõe experimentações que produzem o balanço dos ossos e alteram o ritmo dos órgãos, que provocam dobras na pele e redobras musculares que incitam pensamentos e transmutam ideias. Ela delira corpo e vomita inquietações: Que noção de sujeito emerge de uma docência que pouco encontra? Afinal, os encontros ocorridos pelas superfícies digitais forjam um sujeito identificável, que se pode apurar o gênero, a classe, o sexo, a função. Produzem sujeitos que se orientam por superstições

transcendentes, escravos em potencial da uma tirania moralista que acorrenta os modos de existência imanentes. E, então, a pergunta ritornelo torna a pulsar: Como operar uma docência como encontro?

Na tentativa de retomar a respiração, ainda engasgada pelas palavras e paralisada pelos reflexos luminosos de sua própria imagem espelhada, ela, no instante de uma pirueta, que acontece entre ar e água, vibra um corpo-paisagem, um “corpo vibrátil” (ROLNIK, 1989, 1999). Vruumm, um acontecimento!

A docência que ela tanto se ocupa não acontece em decorrência da ação dos sujeitos docentes e dos sujeitos estudantes. Ao perspectivar o corpo pelas lentes do polidor de lentes, opera pelo corpo em ato, acontecido pelo movimento das afecções. Por essa mirada os sujeitos da docência são pensados e operados enquanto forças, “heccidades” (DELEUZE, 2016 e SILAS, 2019). Por esse ponto de vista, o sujeito do encontro emerge, acontece. Não é o docente ou o estudante, é o que roça do encontro entre eles. Está entre docente e estudante, estudante e instituição de ensino, instituição de ensino e docente, não é cada um deles, mas devém de todos eles por uma espécie de ambiência, quer dizer, pela composição das forças que os corpos traçam em ato. Um encontro: Vraãmm!

Delirando em piruetas, ela compõe com as anotações de seu colega Silas à margem de uma página dos seus arquivos, as quais enunciam que, apesar de na língua portuguesa o sujeito estar ligado ao predicado, filósofos como Gilles Deleuze e Felix Guattari (2012a) já traziam transposições de um sujeito que é termo de si mesmo, é sua própria duração, estendendo-se em blocos de aliança.

Nesse sentido, o que está em jogo na docência como encontro não são os sujeitos estudantes e docentes; ela suspeita das pulsações que operam a docência por um fluxo de composição e não de consciência. A partir das afecções que um corpo sofre e gera, produzir fluxos de pensamento e de ações ativas, afirmando a vida, perseverando. Como ensina o polidor de lentes, naquilo que compõe com cada corpo, pulsando uma docência pela alegria.

Ela parece acreditar no impossível, ou no imprevisto, uma espécie de docência clandestina que opera por composição de vibrações cujo agente do movimento é impessoal, o imponderável que se constrói das forças, dos afectos que são agenciados nos encontros.

Ela que já não é, apenas está; percebe travar uma guerra à vontade de verdade pedagógica. Pois pensa a docência em movência, fazendo dançar estruturas, formas e fundamentos. Uma docência de involução, decerto. Uma docência-cambalhota, que viravolta produzindo forma e devir, que se instaura na virtualidade de agenciamentos derivados do encontro.

Atenção, prudência! No arrepio da membrana o movimento é paradoxal, acontece entre um conteúdo e toda a ambiência que o envolve — uma sala de aula, um corredor, um cheiro, uma ausência, um sabor, uma música, uma luminosidade, um grito, uma carroça, um cavalo... Pois o encontro pede passagem, desliza no movimento das relações, em ato. Tal corpo é um sujeito rasgado. Captura e é capturado por uma sequência de forças que se compõem. Perturbação. Paisagem. “É num estado de profunda ignorância que se vive, aqui-e-agora, na imanência de desafiadoras condições do sentir, do pensar, do agir... condições cujos blocos se recombina a cada lance dos corpos.” (ORLANDI, 2019, s/p). Nesse jogo, o que interessa é o que está aí, dado pelo corpóreo dos corpos e pela incorpóreo que se impõe efêmero e em devir. Desliza a dança entre corpo e pensamento. Eis aí! — exclamou.

No entanto, como apreender, dizer e dar a ver tal “aí”, ou seja, a perfeição e a necessidade do dado, do acontecimento?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 5: Registro fotográfico retirado de um arquivo docente  
Fonte: Acervo da autora

Ela balbucia rumores: Uma frase, uma imagem... Algo do arquivo. Aliás, voltar ao arquivo, ao encontro com o arquivo!

Ela aposta na invenção de uma docência epidérmica a partir do que sobrevive no arquivo de uma docência universitária. Ela vai ao encontro das imagens-testemunhos negando que nelas encontre o fundamento ou a verdade de uma docência como encontro. Por isso propõe uma invenção, logo/por conseguinte/agora, compõe-se com o arquivo e com a paisagem que envolve cada composição. É assertivamente pelas forças agenciadas no encontro com esse arquivo, que ela arrisca criar uma docência epidérmica, como encontro. Por essa vereda indaga se é possível atribuir novas funções e variáveis capazes de acarretar uma mudança em favor de outras variáveis de tempo-espaço do encontro docente a partir da força de fabulação latente nas imagens-testemunhos: amorosidade, o navegar é imprevisível por mais que se conheça a rota e se tenha previsão do tempo!

Então, toma a rota desviante anunciada por Deleuze e atenta para o arquivo enquanto arquipélago de ilhas, esquecendo o que ela, ilha, representa. Percebe que “de um modo ou de outro, a existência das ilhas é a negação de um tal ponto de vista, de um tal esforço e de uma tal convicção” (DELEUZE, 2006, p. 17). Assim, será sempre causa de espanto que o território do arquivo, essas ilhas de imagens-testemunhos, seja povoado de marcas que transbordam a memória e abrem a percepção para o que ainda não se sabe. Por suspeitar de tal insurgência e apostar na conexão com os elementos encontrados no arquivo, ela sabe que o impulso que conduz às ilhas retoma um duplo movimento, que produz as ilhas em si mesma, e, também, em direção ao que se deriva. Em outras palavras, moção geminada de delirar na existência das ilhas derivadas. É o mesmo movimento, um tanto paradoxal, separação e recriação não se excluem: “já não é a ilha que se cria do fundo da terra através das águas, é o homem que recria o mundo a partir da ilha e sobre as águas.” (DELEUZE, 2006, p. 18). Sob as águas, navegando pelo arquipélago de ilhas e adentrando às imagens-testemunhos, as ilhas, ela esforça-se em retirar da docência o sujeito como unidade prévia a fim de problematizá-la como encontro de forças, composição, jogo de emissão e repartição de singularidades.

Ao fazer tal movimento em direção aos registros de uma docência, ela desliza numa temporalidade e dimensão que simultaneamente está no tempo e age contra o tempo: o intempestivo! “É

aí que a vida como interpretação toma sua fonte.” (DELEUZE, 2006, p. 168) Sem finalidade histórica e/ou dogmática, ela busca uma dimensão outra da docência pelo arquivo, do arquivo. Antes, pergunta se esse movimento afirma a vida. É aí — exclama o super-homem para os que queiram ouvir, — “um singular instante de perturbação.” (DELEUZE, 2006, p. 169) Sob os ruídos, sutilezas, quase silenciosas, que são devires de outros mundos. Afinal, não sabemos o que pode um corpo-arquivo composto por imagens-testemunhos, escritas-lastros, desenhos-impressões de uma vida docente. O que pede passagem nesse arquivo? O que insiste e escapa? Apresentando-se como um verdadeiro organismo, ora surgem erupções, trazendo ao ar livre um movimento vindo de baixo; imagens-testemunhos emergem, outras desaparecem e retornam, e muitas escapam, sem afetar.

Então, em ritornelo, um vaga-lume que acompanhava o super-homem em seu veleiro pisca “imagens que tocam o real”. Fazendo zum-zum a cada rajada de vento, as imagens vibram “uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares — fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles — que, como arte da memória, não pode aglutinar” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 207). O clarão da aparição daqueles corpos luminosos provoca *desaglutinação* das imagens que, por vezes, insistem num movimento de cristalização representativa e/ou subjetiva, oscilando por um sistema de significância estratificada. Os alegres vaga-lumes compunham com a memória pelo movimento, e com o esquecimento pela fabulação. Assim, articulam com os grandes acontecimentos ruidosos — a pandemia covid-19, 2020, mais de 610.000.000 mortes, uma gripezinha etc. —, eles acendem pelos pequenos acontecimentos silenciosos — um gesto, um sorriso, um susto — que são como a formação de novos mundos que roçam o histórico e o poético.

Encantada com a vibração luminosa e tátil dos pirilampos, ela aposta na travessia pelas águas moventes do corpo de imagens-testemunhos de um arquivo docente. Atravessa embalada pelo fluxo de um veleiro, combinando movimento e velocidade do ar e da água. Aposta na rajada pulsante e no contágio que arrepiam a pele pela intensidade dos “afectos” e “afecções” provocadas no encontro com as imagens-traços impressas nos diários de bordo e com as escritas de experimentações em educação-arte.

Durante o repouso, em uma noite de lua minguante, atracada em uma margem de juncos, ela encontra outro bando de vaga-lumes e devém “ligar matérias informes (*phylum*) e funções não formadas” (CORAZZA, 2017, p. 298). Então, ela inventa uma docência epidérmica a partir de um “arquivo-máquina” (CORAZZA, 2017). Experimenta o impensável, a imanência das imagens-testemunhos de uma docência que deriva por jogos experimentais de leitura-escritura-tradução dos dados. Talvez um modo de operar pelo meio, pelo meio de um arquivo, de uma vida, e que forja uma docência como encontro sem relatar a lembrança, mas colocando-a em movimento.

Imersa nesse rizomático arquivo de imagens heterogêneas, saltitantes e saborosas, problematiza a docência como produtora de movimentos pedagógicos que vão de encontro a uma verdade de formação, de sujeito, de profissão, de docente; ela aposta na docência como encontro pelo que o próprio encontro com o arquivo pode produzir. Já que o encontro é da ordem do inapreensível, do indizível, ela inventa a docência por uma experimentação que opera por uma temporalidade *Aion*, com um passado infinitamente dilatado e com um presente extremamente comprimido. Aproximando o que parecia separado e separando o que agrupado estava, ela cultiva e escuta o que ressoa do arquivo por uma conversa não apaziguada; do que roça e pede passagem.

Nesse sentido, por mais que uma imagem seja dada, ela aposta que existem camadas de forças que derivam e compõem as cenas, produzindo cenas outras. Ao inventar uma docência a partir da composição das forças que pedem passagem de um arquivo menor, dos vestígios de uma docência, ela opera um encontro com instantes descontínuos, não legitimados, não hierarquizados e reconhecidos como conhecimento verdadeiro. No deslizar da superfície do corpo-arquivo, captura “afectos”, assim, trabalha com a virtualidade do arquivo para problematizar a virtualidade da docência.

Tudo bem, mas como assim, pergunta um macaco da academia. E ela continua:

– Um milharal muito alto! Olha o milho!

– Nunca tinha visto um milharal. O que temos aqui são juncos!

– Vamos ver esse milharal juntas. Confia e vamos. Vai na frente que vou atrás de ti, vamos juntas! Surpreendente, todo dia muda! Por mais que conheça, sempre é diferente.

## REFERÊNCIAS

CORAZZA, S. Pesquisa empírica-transcendental da diferença: arquivo, escrita e tradução de dados. *In: CORAZZA, S. (org.) Docência-pesquisa da diferença: tradução transcriadora.* Porto Alegre, RS: Doisa; UFRGS, 2017. p.286-305.

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática.** Tradução Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. Causas e razões das ilhas desertas. *In: LAPOUJADE, D. (Org.) A ilha deserta: e outro escritos.* Tradução Luis B. L. Orlandi. *et. al.* São Paulo: Iluminuras, 2006.

\_\_\_\_\_. A gargalhada de Nietzsche. *In: LAPOUJADE, D. (Org.) A ilha deserta: e outro escritos.* Tradução Luis B. L. Orlandi. *et. al.* São Paulo: Iluminuras, 2006.

\_\_\_\_\_. Faces e superfícies. *In: LAPOUJADE, D. (Org.) A ilha deserta: e outro escritos.* Tradução Luis B. L. Orlandi. *et. al.* São Paulo: Iluminuras, 2006.

\_\_\_\_\_. Resposta a uma questão sobre o sujeito. *In: LAPOUJADE, D. (Org.) Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995).* Tradução Guilherme Ivo. São Paulo: Ed. 34, 2016. p. 370-372.

DELEUZE, G; PARNET, C. **O abecedário de Gilles Deleuze,** 1988.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia,** vol. 3. Tradução Aurélio Guerra Neto *et al.* São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia,** vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DIDI-HUBERMAN, G. Quando as imagens tocam a real. **REVISTA Pós: do Programa de Pós-graduação em Artes - EBA/UFMG.** Belo horizonte, Minas Gerais: UFMG, v.2, n.4, p. 204-219, nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 4 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Tradução Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Minas Gerais: Editora UFMG, 2011.

LAPOUJADE, D. **Potências do tempo.** Tradução Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MONTEIRO, S. B. Heceidade: formação como individuação sem sujeito. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 521-533, maio/ago. 2019.

ORLANDI, L. B. L. Um gosto pelos encontros. 2019. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/>. Acesso em 8 de outubro de 2021.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, S. Molda-se uma alma contemporânea: o vazio pleno de Lygia Clark. *In: The Experimental Exercise of Freedom: Lygia Clark, Gego, Mathias Goeritz, Hélio Oiticica and Mira Schendel.* The Museum of Contemporary Art. Los Angeles, 1999. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Molda.pdf>. Acesso em: 14/01/2021.

SPINOZA, B. de. **Ética.** Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

**Submetido:** 26/12/2022

**Aprovado:** 00/00/2000

## **CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES**

CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT

Administração do Projeto, Análise Formal, Conceituação, Curadoria de Dados, Escrita, Primeira versão, Revisão e Edição, Investigação, Metodologia, Obtenção de Financiamento, Recursos, Validação e Visualização.

MARIA MANUELA ALVES GARCIA

Administração do Projeto, Análise Formal, Conceituação, Escrita, Revisão, Investigação, Metodologia, Obtenção de Financiamento, Recursos, Supervisão, Validação e Visualização.

## **CONFLITOS DE INTERESSE**

Eu, CAROLINA CORREA ROCHEFORT, autora responsável pela submissão do manuscrito intitulado DOCENCIA COMO ENCONTRO: UM PROBLEMA DE COMPOSIÇÃO EM EDUCAÇÃO e todos os coautores que aqui se apresentam, declaramos que “NÃO POSSUÍMOS”, CONFLITO DE INTERESSES de ordem:

pessoal,

comercial,

acadêmico,

político

financeiro no manuscrito

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.